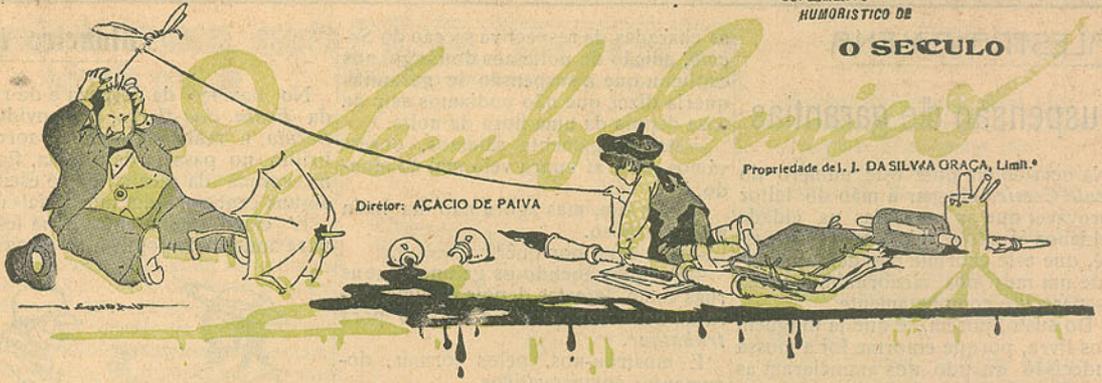


SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO



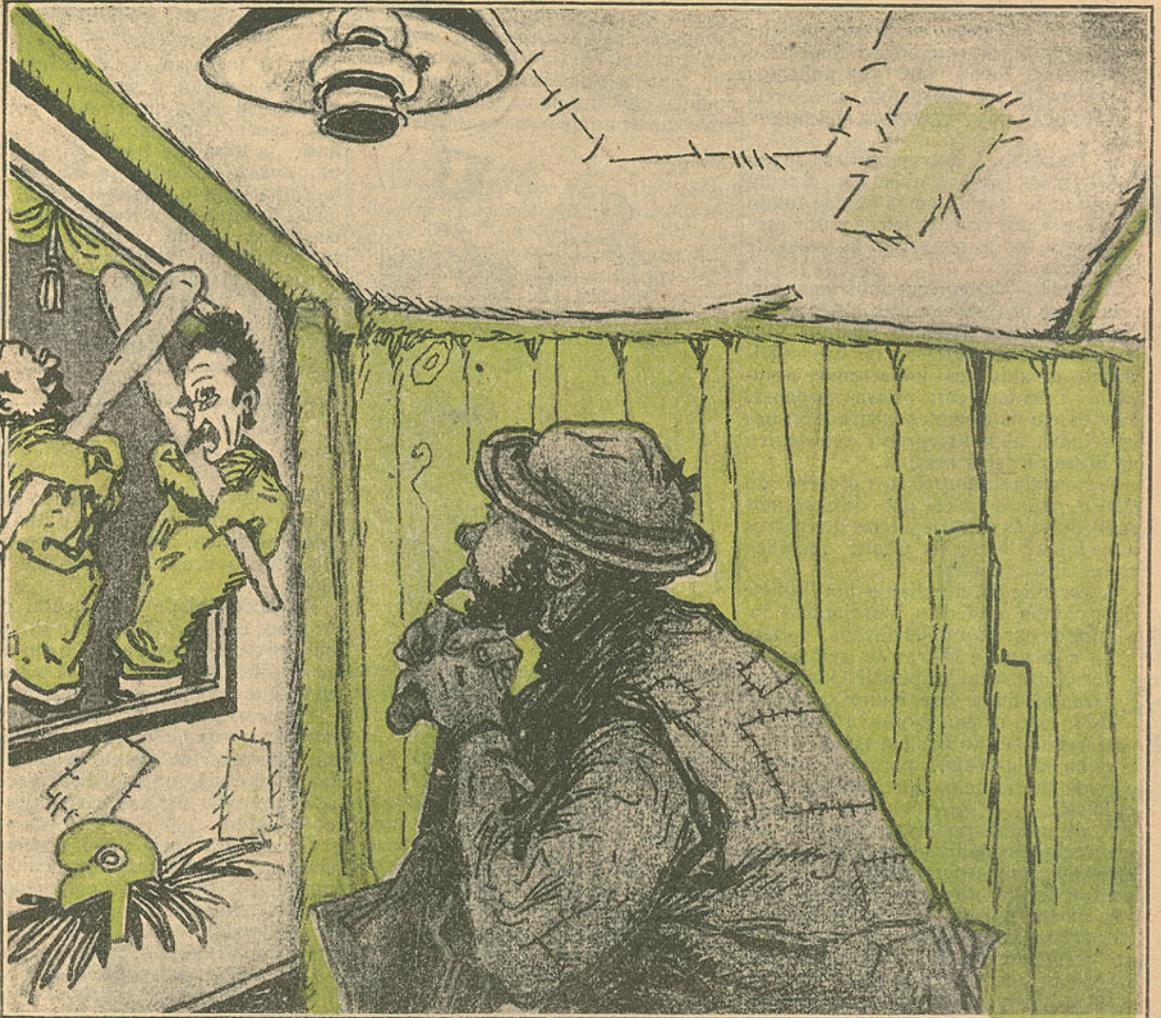
Director: AÇACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DA SILVA GRACA, Limit.ª

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA 100 SÉCULO, 43—LISBOA

NA FEIRA



O ESPÊTADOR:

— Tem graça mas fica-me muito caro!

PALESTRA AMENA

Suspensão de garantias

Na ocasião em que este numero do *Seculo Comico* chegar á mão do leitor é provavel que as garantias na cidade de Lisboa já não estejam suspensas, isto é, que este enorme pesadelo que durante um mez nos acabrunhou tenha desaparecido completamente.

Do susto, porém, é que já ninguém nos livra, porque enorme foi a nossa indecisão quando nos annunciaram as providencias tomadas.

—Estão suspensas as garantias! disseram-nos um dia, ao almoço.

Bonito! Em que demonio consistiria a suspensão de garantias? quais seriam as garantias que estavam gosando e que não podiamos gosar de aí em diante?

E cogitámos:

A' garantia de ter pão em casa quando tivéssemos dinheiro para o comprar, não se referia certamente o decreto de suspensão.

A garantia de não nos violarem a casa tambem já estava suspensa, porque se algum mal intencionado começasse a insinuar á turba que nós tinhamos substancias na despensa, não havia Constituição que detivesse a mesma turba.

Tratar-se-ia das garantias de andar pelas ruas? tambem não. A redacção onde trabalhamos fica ao fundo da rua dos Bacalhoeiros e por essa não se pôde transitar ha coisa de tres mezes.

A garantia de escrevermos nos jornais o que nos parece ser justo e razoavel, de desabafarmos quando soubermos de escandalos, de nos queixarmos quando nos julgássemos agravados? Essa tambem estava suspensa, não fossem os alemães surpreender nas entrelinhas algum segredo estrategico da nossa offensiva militar.

A garantia de tomarmos o carro do *Chora*, quando não nos quizessemos subordinar ás contingencias dos carros impedidos? Não; o *Chora* recolheu as bestas á cocheira,

A garantia de, mediante um bilhete de caminho de ferro, ir arejar aos domingos para fóra de Lisboa, voltando a tempo e horas de retomar o nosso trabalho habitual? Qual! essa garantia tinha ha muito desaparecido com os comboios a lenha, demorando-se no trajeto tanto como a velha mala-posta, parando quando onde muito bem aprobevesse ao maquinista.

A garantia de poder mandar vir da provincia pão de trigo e mais artigos papaveis, como encomenda postal ou pelo caminho de ferro? Mas essa já não existia, porque os correios só entregavam a encomenda 8 dias depois da recepção e nos caminhos de ferro era um ar' que lhes dava.

Então quais eram as garantias que estavam suspensas?

Durante longos dias esta pergunta nos intrigou, até que um velho amigo, d'estes que estão em dia com tudo e que tem a especialidade de adivinhar todas

as charadas da respectiva secção do *Seculo*, edição da noite aos domingos, nos explicou que a suspensão de garantias queria dizer que não podiamos sair de casa depois da uma hora da noite.

—Mas antigamente saiamos, observámos, e de aí nunca veio mal ao mundo.

—Pois sim, mas agora não ha nada mais perigoso.

—Ora essa! por quê?

—Porque sabendo os gatunos que as ruas estão desertas depois da uma hora da noite aproveitam a ocasião para *traballar*.

E mostrou-nos, pelos jornais, documentos comprovativos.

Já aqui não está quem falou.

J. Neutral.

Mais um noivo

Os jornaes podem abrir uma secção permanente para dar conta dos individuos que pedem noiva por anuncio e que se de xam enganar por marmanjões do nosso sexo, reconhecendo o engano apenas no dia da entrevista de esponsaes, pela voz grossa da noiva.

Agora foi um cidadão setubalense que veio a cair; responderam-lhe ao anuncio com um nome feminino, combinaram com ele uma entrevista em



Lisboa e aqui apresentou-se ao ingenho um macho vestido de mulher. Grande troça, já se deixa ver, quando o aspirante a noivo verificou que não havia sensível differença de sexo entre os dois.

Ora isto tem-se dado, ha tempos para cá, pelo menos uma vez por mez e sempre com cidadãos que não tem a desculpa-los a palermice aldeã dos que caem no «conto do vigario».

Que se conclue d'aqui? que os homensinhos gostam.

O espirito alheio

A senhora para a nova criada:

—Fique sabendo que não quero criada que tenha namoro. . .

—Já sei; o patrão já me disse a mesma coisa.

Dinheiro falso

No balanço da despeza e da receita da *Festa das flores*, promovida pelo *Seculo* e realisada com extraordinario brilho no passeio da Estrela, figuram na columna da receita, cinco escudos e alguns centavos—em moeda falsa.

E' claro que a entrada na festa foi para todos e impossivel se tornava im-



pedir o ingresso dos *apaches*, disseram quem contou o dinheiro. Pois sim, mas quem dá dinheiro falso por uma flôr sabendo o santo destino do produto da festa não é *apache*, não é gatuno, não é salteador de estrada, não é incendiario, não é parricida. . . E' muito mais do que tudo isso: é um ente inclassificavel, que certamente não tem fórma humana. Estamos em que os porteiros do Jardim, se não se tivessem distraido, notariam necessariamente á entrada o monstro ou os monstros que praticaram tal patifaria.

Seriam alemães?

A caridade do sr. Antunes

Não sabemos se conhecem o sr. Antunes. E' um sujeito como outro qualquer, no fisico, mas no tocante a sentimentos poucas pessoas se lhe egualam.

A especialidade sentimental do sr. Antunes é a caridade. Não ha pobre que lhe peça esmola a quem ele não dê seja o que for: dinheiro, se o tem, ou coisa que o valha, se o não tem.

Hontem, por exemplo, ficou arrelia-dissimo porque, a uma esquina da Baixa, um cego lhe pediu esmola e ele, metendo a mão na algibeira, reconheceu que não trazia nem um centavo consigo.

O cego a lamuriar: Dê alguma coisinha a quem não pode ganhar a vida porque perdeu a vista completamente — e o sr. Antunes sem lhe poder valer, era de arreliar!

De subito, porém, encontrou no bolso das calças um papelinho amarelo. Podia, finalmente, satisfazer o seu altruismo!

—Tome,—disse ele para o cego; é um bilhete do animatografo do Chiodo Terrasse. Vá depressa, que ainda vê a 1.ª sessão!

Biografia do Manecas, escrita por ele proprio

(Continuação)

Emfim, confesso que apesar do meu talento, comprovado no futuro por todos os leitores do *Seculo Comico*—folha que eu ouvia muitas vezes apregoar durante a viagem, tinha as idéas deveras confusas e mais confusas ficaram quando senti que me apertavam o craneo com uma especie de torquez e puxavam por mim furiosamente, porque, ao que parecia, eu teimava em não sair da condecinha.

Então, além das pragas de meu pai, ouvia distintamente as de outro sujeito—o que puxava por mim com toda a força. Só minha mãe não dizia palavra, mostrando-se insensível e de uma imobilidade muito de estranhar em quem com tanto entusiasmo tinha feito, de sociedade com meu pai, a encomenda para Paris.

D'af a pouco o tal sujeito soltou um ah! de alivio e a minha cabeça surgiu fóra do cestinho, ao mesmo tempo que uma senhora gorda tomava conta de mim e me mostrava a meu pai, dizendo:—E' macho!

Meu pae! Lembrava-me vagamente



de que ele me tinha visitado uma vez por outra, durante a minha estada em França, mas devo confessar que o não reconheci, tão mudado estava, até no feitio; imaginava-o quasi anão, inexpressivo mas bulhoso e, afinal, era um homem alto, cheio de expressão e solene. Minha mãe é que eu nunca tinha visto. Olhei para ela pela primeira vez e qual não foi o meu espanto ao reparar que estava de olhos fechados, respiração alta, a dormir!

—Está desmaiadinha, disse a mulher que me mimoseara com o epíteto de macho. E começou á bofetada a mim, desalmadamente, sem a menor consideração pela minha qualidade de menino e moço!

EM FOCO



Luiz Judicibus

Mais de oitocentas sopas cada dia
O jornal distribue pela pobreza;
Nenhuma ostentação; a singeleza
De quem pratica o bem, como devia.

Quanta negra miseria se alivia,
Quanta dor se mitiga com presteza!
Ai, como é boa a gente portugueza
Se lhe apontam, chorando, uma agonia!

Este falou-lhe ao coração sandoso
E brotaram caudões no mesmo instante
De santa caridade bemfazeja.

Tem algum premio? sim: o estranho goso
De ouvir dizer ás mães, em côro amante,
—Meu labio adoça, quem meu filho beija!

Belmiro.

Depois, embrulhou-me n'um cobertor, deitou-me n'uma cama em quarto proximo e fiquei sósinho, voltando ela para o quarto de minha mãe.

A n'eu lado, na banca de cabeceira, havia uma vela acesa, cuja luz me dava nos olhos. Confesso que foi essa a impressão mais forte que senti ao entrar na vida: no paiz de onde eu vinha não havia luz alguma e se alguma claridade lobrigava por vezes, era como que infiltrada, não me ferindo a retina, já porque era tenuissima, já porque eu tinha continuamente os olhos fechados.

(Continua).

Admiração justificada

Entre dois amigos que ha muito tempo se não encontravam:

—E's tu? então não morreste?

—Eu não. Por que diabo julgavas tu que eu tivesse morrido?

—Porque ha uns poucos de mezes que não ouço dizer de ti senão bem...

Graça alheia

Exigencia demasiada.

A D. Alzira anuncia pedindo criado. Aparece-lhe um a quem ela explica:

—O que eu desejo é um criado que faça tudo o que eu lhe mandar fazer, que não replique nunca quando eu lhe fizer alguma observação, que vá onde eu ordenar, que não se queixe nunca...

—Perdão, interrompeu o rapaz; o que v. ex.^a quer não é um criado: é um marido!

Telefone real

- Trrim! trrim! tim! Está lá?
—Trrim! trrim! tim! Quem fala?
—Nicolau. E aí quem fala?
—O Constantino, o da Grecia.
—Ah! E's tu, colega? Como passas?
—Destronado, muito agradecido. E tu?
—Bom, muito o'brigado.
—Mas então tu não tinhas prestígio no teu povo? não eras o paisinho?
—Era. E toda a gente que me rodeava afirmava que o povo não via outra coisa. E tu?
—Ninguém se chegava para mim senão para me chamar bondoso, sábio, simpático...
—Eu não tinha ssenão amigos.
—Tambem eu. Mas hoje é esquisito! Todos me voltam as costas e o menos que me chama é cavalo!
—É a mim, camelô!
—Adeus, Constantino.
—Adeus, Nicolau.

A perna de pau

Não se trata da Perna de Pau ao Arceiro, casa de pasto de gloriosas tradições, mas duma verdadeira perna feita de pau, usada em vida por um infeliz cujo nome não vem para o caso.

Contaram as folhas que esse individuo faleceu e que a viuva saudosa não quiz que a perna de pau do marido fosse e a enterrar: guardou-a preciosamente em casa, como uma reliquia



e todos os dias a contemplava demoradamente, recordando o defunto—até que este foi esquecido por novos amores, cujo alvo não prestou o mesmo culto á perna de pau do antecessor, tanto que a poz no prego.

A policia recebeu queixa do facto, da parte da viuva, e por aqui ficaria a historia se o *Seculo Comico*, com o respeito devido pelos sagrados sentimentos da familia e por assuntos melindrosos, não resolvesse aviva-la para prevenir os leitores que devem levar para a cova a perna de pau, se a tiverem.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

5.ª PARTE

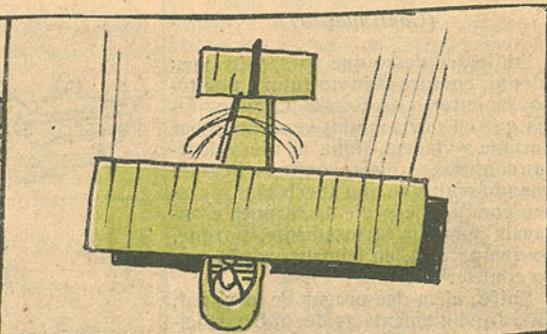
A CATASTROFE

2.º EPISODIO

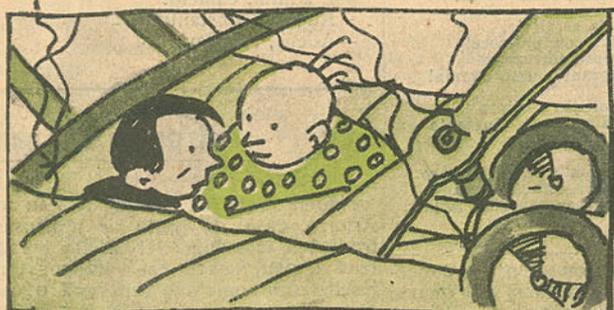
(CONTINUAÇÃO)



1.—De bordo do monoplano suspeito, o Nariz de Folha começa a metralhar o aeroplano onde vinham os nossos simpaticos meninos.



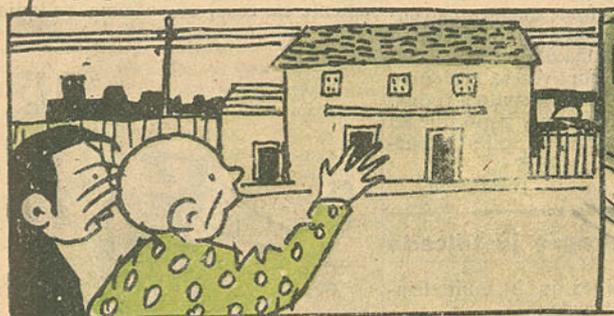
2.—o qual, apoz certos e infernaes tiros, das alturas é precipitado



3.—e cae por terra, desfeito, ficando o Quim e o Manecas ileso, graças a uma pomada da sua invenção, com que haviam untado o corpo e que tem a propriedade de lhe dar a consistencia da borracha.



4.—Como o Nariz de Folha lançasse do alto numerosas bombas, os dois manos fogem com incrível velocidade—pois tinham esfregado as botas com um sebo especial, inventado pelo Manecas.



5.—Chegam a uma estação de caminho de ferro, querem comprar bilhete para o comboio rapido mas este não para ali.



6.—Não os intimida tal circunstancia e saltam para o comboio, mesmo em andamento.



7.—Trepam ao tejadilho e notam que o monoplano do Nariz de Folha continua a persegui-los,



8.—pelo que, ao atravessarem uma cidade, se apenam apressadamente e correm a um quartel militar, pedindo á sentinela para falar ao comandante do regimento.

(CONTINUA)